

## DA VIOLÊNCIA DO DISCURSO AO DISCURSO DA VIOLÊNCIA: CONSTRUÇÕES MIDIÁTICAS ACERCA DA VIOLÊNCIA URBANA

Cássio Eduardo Soares Miranda<sup>1</sup>

### Resumo:

*Este ensaio tem como objetivo analisar os discursos construídos acerca da violência urbana pela revista Veja online no intuito de se verificar o modo de organização do discurso acerca do tema, bem como os saberes compartilhados pela revista. Assume como referencial as teorizações sobre o discurso midiático proposto por P. Charaudeau e seus efeitos nos imaginários sociais a partir de J. Lacan. Metodologicamente, o ensaio descreve o corpus coletado, apresenta as regularidades discursivas, identifica suas visadas e demonstra a intencionalidade do veículo de comunicação. Por fim, apresenta os critérios comuns que regem a construção do discurso informativo. Como resultado preliminar, contata-se o uso recorrente da encenação argumentativa pelo sujeito argumentante jornalista com predomínio de fórmulas discursivas que acionam valores compartilhados por um grupo tendo em vista o alcance do horizonte de expectativas desse grupo pela fabricação do consenso social.*

**Palavras-chave:** *Violência; Mídia; Discurso; Subjetividade.*

### Abstract:

*This essay aims to analyze the discourses about urban violence by Veja online magazine to verify the way of organizing the discourse about the theme, as well as the knowledge shared by the magazine. It assumes as reference the theories on the media discourses proposed by P. Charaudeau and its effects on the social imaginaries from J. Lacan. Methodologically, the essay describes the collected corpus, presents the discursive regularities, identifies its aims and demonstrates the intentionality of the communication vehicle. Finally, it presents the common criteria that govern the construction of informative discourse. As a preliminary result, we contact the recurrent use of argumentative staging by the argumentative journalist subject with a predominance of discursive formulas that trigger values shared by a group in order to reach the expectations horizon of this group by the fabrication of social consensus.*

**Keywords:** *Violence; Media; Discourse; Subjectivity.*

---

<sup>1</sup> Psicanalista. Professor permanente do Programa de Pós-Graduação em Saúde e Comunidade da Universidade Federal do Piauí. Membro do Grupo de Trabalho "Psicanálise e Educação" da Associação Nacional de Pós-Graduação e Pesquisa em Psicologia. Coordenador do Núcleo Interdisciplinar de Pesquisas em Psicanálise, Educação e Contemporaneidade (NIPSEC). Contato: [cassioedu@ufpi.edu.br](mailto:cassioedu@ufpi.edu.br).

## Introdução

A violência constitui-se como um dos grandes problemas do mundo contemporâneo. Trata-se de um fenômeno relevante do ponto de vista de suas causas e efeitos, sobretudo no que diz respeito aos impactos causados na saúde da população. De outra maneira, trata-se ainda de uma questão de ordem econômica, uma vez que estimativas demonstram que cerca de 3,3% do Produto Interno Bruto (PIB) brasileiro é consumido por custos diretos com a violência (BRICEÑO-LEON, 2002). Como se trata de um fato histórico, sempre presente na história da humanidade, a violência configura-se como uma temática que toca à uma diversidade de interesses do ponto de vista acadêmico, seja no campo da saúde, das ciências jurídicas e sociais, seja no campo comunicacional.

No presente ensaio, discutiremos a problemática da violência estabelecendo um recorte do ponto de vista de sua produção discursiva. Conforme será demonstrado no decorrer deste texto, o discurso é uma instância de formação de subjetividades e a mídia hegemônica constitui-se como um modo privilegiado de produção de sentido no mundo contemporâneo. Sendo assim, propõe-se a discutir os discursos construídos acerca da violência juvenil pela mídia hegemônica brasileira, de modo mais específico pela revista *Veja*, por ser ela a revista de maior circulação nacional e por ter-se constituído, ao longo dos anos, como o principal órgão da imprensa responsável pela veiculação de opiniões marcadamente conservadoras no país. Sendo assim, tomaremos como material de análise matérias veiculadas pela revista *Veja online* acerca da violência urbana, no intuito de se verificar o modo de organização do discurso acerca do tema, bem como os saberes compartilhados pela revista. Tomaremos como referência para nossa discussão, as teorizações sobre o discurso midiático (CHARAUDEAU, 2006; SOULAGES, 2007) e seus efeitos nos imaginários sociais (LACAN, 1979; KEHL, 1996).

### 1 Produção midiática dos sentidos discursivos

As sociedades contemporâneas são marcadas por redes interpenetradas de comunicação e a máxima popularizada de que “informação é poder” tem caracterizado cada vez mais o tempo presente. Cada vez mais partícipe do “império dos sentidos”, o discurso midiático parece crer que “Não existem fenômenos nem

fatos absolutos, eles são construídos pelo discurso (...), mas, mesmo assim, deve-se controlar, regrar, regulamentar (...) esse movimento da linguagem que não apenas relata o referente, mas o significa” (GUIMARÃES, 1999, p. 111). Nesse sentido, Guimarães defende que a lógica própria e relativamente autônoma do discurso midiático não é autossuficiente, mas, de algum modo, de maneira significativa, participa do processo de produção de sentido no mundo.

Segundo Charaudeau, (2006), a mídia é um espelho deformante da realidade ao mesmo tempo em que é uma máquina produtora de mitos (KEHL; BUCCI, 2004). A dupla lógica midiática – simbólica e econômica – transformou a sociedade contemporânea em uma sociedade do espetáculo (DEBORD, 1967) e assumiu o pleno caráter que lhe é garantido, que é o da mediação. É desse lugar que o consumo das imagens nas sociedades atuais, somado ao desenvolvimento das tecnologias da instância de produção, deu às mídias e às suas imagens construídas um caráter de autonomia que interfere diretamente na organização social e na vida das pessoas em particular, conforme apontado acima. Ao funcionar segundo lógicas diferenciadas, ela se vê obrigada a seguir não só a lógica semiológica, aquela que se encarrega de produção de signos e sentidos, de representações construídas pelos sujeitos sociais, mas também persegue uma lógica econômica, que implica na sobrevivência em um mercado competitivo e seletivo. Tal lógica – a de mercado – impõe à mídia uma visada<sup>2</sup> de *fazer sentir*, tendo em vista a sedução de um número máximo de pessoas (MIRANDA, 2016, p. 65 ).

No que tange à produção de sentidos acerca da temática a ser tratada neste artigo, a visada de captação se orienta em direção ao parceiro da troca, instituído como destinatário de uma mensagem e que necessita ser despertado para o propósito que o veículo midiático interessa veicular (MIRANDA, 2016, p. 67). Desse modo, na busca pela sobrevivência e “engajada” em uma visada de credibilidade, a mídia jornalística, seja de qual espécie for, “[...] acha-se, então, ‘condenada’ a procurar emocionar seu público, a mobilizar sua afetividade, a fim de desencadear o interesse e a paixão pela informação que lhe é transmitida” (CHARAUDEAU, 2005, p. 92). Satisfazer esse princípio implica em realizar uma encenação que mobilize elementos

---

<sup>2</sup> Na perspectiva da teoria semiolinguística do discurso, o termo *visada* refere-se à uma intencionalidade psico-sócio-discursiva que determina a expectativa do ato de linguagem do sujeito falante e, por conseguinte da própria troca linguageira. De acordo com Patrick Charaudeau (2004), “As visadas devem ser consideradas do ponto de vista da instância de produção que tem em perspectiva um sujeito destinatário ideal, mas evidentemente elas devem ser reconhecidas como tais pela instância de recepção. As visadas correspondem, assim, à atitudes enunciativas de base que encontraríamos em um grande *corpus* de atos comunicativos reagrupados em nome de sua orientação pragmática, mas além de sua ancoragem situacional. Os tipos de visada são definidos por um duplo critério: a intenção pragmática do *eu* em relação com a posição que ele ocupa como enunciatador na relação de força que o liga ao *tu*; a posição que da mesma forma *tu* deve ocupar”.

capazes de emocionar sujeitos inscritos em um dado universo. Para tanto, a mídia se apropria de saberes, crenças e figuras prototípicas que se inscrevem em uma regulação coletiva das trocas sociais. *Fazer sentir*, então, implica em acionar estratégias capazes de seduzir o espectador através de estados emocionais aptos a movimentar toda uma ação dramatizante desse espectador, o que implica na construção de um objetivo comunicativo *sedutor* (CHARAUDEAU, 1996).

Segundo esse autor, o homem busca construir sentido, encontrar respostas e dar significado para sua existência através de histórias, de narrativas construídas para dar conta da existência. Tais narrativas podem encontrar fundamento em diversas categorias socioculturais e, para fazer valer sua ideia e seu posicionamento, a sedução passa a se configurar como uma importante estratégia de captação e fidelização do parceiro da troca enunciativa. De todo modo, o sentido se constrói sobre a “teatralização generalizada da vida comunitária, o jogo cotidiano dos simulacros, conscientemente ou inconscientemente assumidos, a partilha de papéis, a metaforização e a figuração de nossas palavras” (PARRET, 1989). De algum modo, um estudo sobre os sentidos construídos acerca da violência pelo discurso midiático passa pela teatralização da vida comunitária realizada por tais veículos.

Sendo assim, uma importante estratégia para o estabelecimento do sentido refere-se à mobilização de imaginários coletivos circulantes em uma dada comunidade, uma vez que os saberes partilhados servem como uma lente pela qual o sujeito lê o mundo e faz com que ocorra uma projeção e uma identificação do sujeito interpretante através da qual ele decodifica o mundo. Os imaginários, assim, são construídos a partir de representações vivenciadas (mais ou menos conscientemente) por uma dada sociedade e faz com que cada cultura tenha uma imagem do que é ser mulher, ser homem, da morte, da doença, da violência *etc.* Daí a tendência à “estereotipagem” pela mídia, pois os estereótipos promovem uma espécie de consenso social.

O estereótipo é uma ideia pré-concebida que se tem do banqueiro, do militante de extrema esquerda ou direita, relacionando-se à imagem que portamos do *cowboy* e da “solteirona”. O termo foi introduzido nas ciências sociais pelo jornalista americano Walter Lippmann, em 1922, segundo o qual ele chamou de uma “imagem em nossa cabeça” (LIPPMANN *apud* AMOSSY, 1991, p. 9) que trazemos a respeito de algo ou alguém, estando relacionado ao esquema fixo através do qual o indivíduo apreende o real. De acordo com Amossy (1991), o estereótipo é o “prêt-à-porter” do espírito, uma vez que se constitui como uma ideia pré-concebida que cada sujeito faz

de uma classe ou tipo de pessoas. Para essa autora, o sujeito é constituído de representações coletivas através das quais ele apreende a realidade quotidiana e constrói as significações do mundo. São as significações construídas que a Psicologia Social denomina de *Representações Sociais* considerando-a como uma descrição que se faz da realidade de acordo com significados elaborados socialmente, cujos sentidos são atribuídos de modo pessoal.

Na atualidade, a imprensa assume um papel preponderante na construção de novos estereótipos e no reforço de antigos. “Reciprocamente”, sustenta Amossy (1991, p. 9), “a produção cultural se nutre das imagens que circulam na sociedade contemporânea”. Ela, por sua vez, se assenta necessariamente em um estoque pré-existente de representações coletivas, fazendo modificações necessárias, alcançando mais ou menos sucesso. Assim, com um vai-e-vem incessante, as imagens se firmam em nossa mente através de uma divulgação abundante das ideias e representações advindas também da mídia. Com Amossy (1991, p. 11), pode-se pensar que o conceito de estereótipo é universal, sendo o seu modo de expressão e de difusão particulares. Cada comunidade a transmite de maneiras e modos diferentes a seus membros. Sendo universal, o conceito, a seu tempo, não é absoluto e eterno, “[...] mas uma noção encontrada na época moderna e bem-feita para servi-la. A consciência do estereótipo é a última defesa que se dá uma sociedade dedicada ao nivelamento por baixo e à automatização”.

Lochard e Boyer (1998) apontam três critérios comuns que regem a construção do discurso informativo e que se aplica ao nosso trabalho proposto. O primeiro é o *critério da atualidade*. Tal critério repousa sobre o fato de, na representação jornalística, a atratividade de um tema estar ligada a seu grau de atualidade. Refere-se à atualidade e instantaneidade de um tema e ainda ao seu grau de importância na atualidade, tal como as dificuldades de relacionamento entre pais e filhos, a corrupção e a violência urbana, somente para listar três exemplos. O segundo critério é o *critério da proximidade*. Trata-se da proximidade geográfica do evento, pois o interesse do leitor é diretamente proporcional à proximidade espacial do evento, conforme sustentam esses autores. Por sua vez, o terceiro e último critério é o *critério psicoafetivo*, que é aquele item que leva em consideração a carga de ressonância emocional e imaginária “[...] em função de sua dimensão insólita, excepcional, dramática ou trágica” (LOCHARD; BOYER, 1998, p. 30). Tais critérios serão levados em consideração no momento da análise, ao se verificar os itens citados como nortes importantes na escolha temática da matéria a ser tratada pela edição *online* revista.

## 2 Discursos sobre a violência

O século XX, por sua característica de revoluções e guerras de dimensões mundiais, possui a violência como seu denominador comum. Trata-se de um fenômeno cujos problemas a ele ligados são numerosos, complexos e de natureza distinta. Como se trata de um tipo de manifestação recorrente nas mais diversas sociedades, sua ocorrência tem efeitos, conforme já dito, nas mais variadas instâncias da vida social e se tornou em uma problemática a ser enfrentada pela saúde pública. De acordo com a Organização Mundial da Saúde, a violência é definida como o “Uso **intencional** da força física ou do poder real ou em ameaça, contra si próprio, contra outra pessoa, ou contra um grupo ou uma comunidade, que resulte ou tenha qualquer possibilidade de resultar em lesão, morte, dano psicológico, deficiências de desenvolvimento ou privação” (OMS, 2002, p. 5). De tal definição, algumas consequências são extraídas, a saber: a) existe uma associação entre intencionalidade e realização do ato; b) o uso intencional da força causando algum dano; c) a violência é um fenômeno Multicausal, Pluridimensional, Multifacetado e complexo; d) envolve: situações, pessoas e ambientes.

O discurso da saúde, de certo modo, encontra amparo nas Classificações e Códigos padronizadores que servem de orientação na conduta diagnóstica de profissionais desse campo. De acordo com a Classificação Internacional das Doenças (CID), a violência social enquadra-se na categoria de *Causas Externas* de morbidade e mortalidade e abrange uma série de eventos, tais como: suicídios, homicídios e acidentes (OMS, 2008). Como se trata de uma tentativa de descrição de um evento associado ao campo da saúde, destaca-se que a CID-10 possui uma configuração discursiva desagregada das dimensões sociais, políticas, econômicas e subjetivas que entram em causa no fenômeno da violência. Por outro lado, em função do caráter descritivo das mais diversas formas de violência, esse tipo de discurso tentar reduzir implicações pessoais do profissional de saúde responsável pelo atendimento das vítimas das mais variadas formas de violência, bem como do uso de dados e evidências ao se fazer a notificação de ocorrência em saúde.

Por sua vez, a compreensão de que a sociedade é um local de conflitos coloca a violência como um devir social. Do ponto de vista de uma certa sociologia, a violência origina-se na dimensão social presente em todo indivíduo. Por um lado, autores como

Morin (2002) sustentam que parte da dimensão conflituosa do social reside na ambiguidade presente em todo o homem:

O ser humano é razoável e não é, capaz de prudência e de insensatez, racional e afetivo; sujeito de afetividade intensa, sorri, ri, chora, mas sabe também conhecer objetivamente. É um ser calculador e sério, mas também ansioso, angustiado, embriagado, extático, de gozo; é um ser invadido pelo imaginário e que pode reconhecer o real, que sabe da morte, mas não pode aceitá-la, que destila mito e magia, mas também ciência e filosofia; possuído pelos deuses e pelas idéias, duvida dos deuses e critica as idéias. Alimenta-se de conhecimentos verificados, mas também de ilusões e quimeras. Na ruptura dos controles racionais, culturais, materiais, quando há confusão entre objetivo e o subjetivo, entre o real e o imaginário, hegemonia de ilusões, insensatez, o *homo demens* submete *homo sapiens* e subordina a inteligência racional a serviço dos seus monstros (MORIN, 2002, p. 127).

Como se nota, para o referido autor a violência reside na submissão do racional pelo emocional, sendo uma espécie de desmesura cometida pelo homem. De algum modo, as pesquisas sociológicas mais recentes têm discutido o tema da violência sob o enfoque de uma relação interpessoal na qual ao indivíduo não é dado o devido reconhecimento. Trata-se de uma modificação recente nesse campo do saber, que anteriormente tendia a nomeá-lo como dessocializado ou selvagem. Tal mudança, segundo Morin (2002), deve-se à compreensão de que a ordem das sociedades complexas não se obtém pelo reforço das regras e dos comportamentos conformados a elas. Por outro lado, a partir das considerações desse teórico, pode-se falar em uma *cultura da violência* em função mesmo dela se espalhar em toda a teia social, encontrando-se presente em quase todos os espaços e campos de representação.

Pode-se dizer, por um lado, que os fatores socioeconômicos são quase sempre necessários para explicar certos tipos de violência, mas não são suficientes para elucidar a sua origem onto-axiológica. De fato, é possível estabelecer uma associação entre desigualdade social e violência. Ignacio Cano (1996) apontou que a distribuição dos homicídios no Rio de Janeiro se dá nas áreas de maior pobreza e de maior concentração de favelas. Da mesma forma, estudo conduzido por Claudio Beato (2001) encontrou resultados semelhantes em Belo Horizonte. Igualmente, o Mapa da Violência de 2016 (WASELFISSZ, 2016) apontou que em 2014 quase 60 mil pessoas foram assassinadas no Brasil. Com uma repetição no padrão de ocorrência, os dados demonstram que há fortes componentes associados aos fatores de classe, gênero,

raça, faixa etária e escolaridade na distribuição dos crimes de maior letalidade. Como detectado, a violência é mais presente principalmente entre os jovens pobres, negros, do sexo masculino e com menos de 8 anos de escolaridade. Da mesma maneira, o Atlas da Violência (WASELFISZ, 2017) corrobora a tese desse padrão de ocorrência, mostrando que existem categorias de pessoas explicitamente mais vulneráveis à violência em seu cotidiano. Conforme apontado acima, são os jovens, negros, pobres e com menos inclusão e tempo escolar do sexo masculino que pagam com a vida as contradições socioeconômicas, sistêmicas e históricas da sociedade brasileira. De acordo com o Instituto de Pesquisas Econômicas Aplicadas:

O Brasil registrou, em 2015, 59.080 homicídios. Isso significa 28,9 mortes a cada 100 mil habitantes. Os números representam uma mudança de patamar nesse indicador em relação a 2005, quando ocorreram 48.136 homicídios. As informações estão no [Atlas da Violência 2017](#), produzido pelo Instituto de Pesquisa Econômica Aplicada (Ipea) em parceria com o Fórum Brasileiro de Segurança Pública (FBSP). O estudo analisa os números e as taxas de homicídio no país entre 2005 e 2015 e detalha os dados por regiões, Unidades da Federação e municípios com mais de 100 mil habitantes. Apenas 2% dos municípios brasileiros (111) respondiam, em 2015, por metade dos casos de homicídio no país, e 10% dos municípios (557) concentraram 76,5% do total de mortes (IPEA, 2017).

A desigualdade social é um fator predisponente e, em alguns casos, condicionante da violência, mas tudo depende do contexto, das relações intersubjetivas, dos fatores psicossociais, da estatura moral dos indivíduos, ou seja, o problema envolve dimensões existenciais complexas e, na reflexão aqui proposta, não tomaremos como referência apenas os casos de homicídio e crimes contra a vida, mas também as mais variadas formas de violência existentes no campo social.

Em 1948, o psicanalista francês Jacques Lacan publicou o artigo “A agressividade em psicanálise”, na tentativa de refletir os efeitos da agressividade vivenciados em uma época devastada pela presença de Hitler no mundo. Lá, assim como hoje, a psicanálise estabelece uma distinção entre agressividade e violência. A contemporaneidade, por sua vez, indica uma característica peculiar de certos sintomas que resistem à decifração da linguagem, tais como a anorexia, a bulimia e as toxicomanias; a violência, assim, faz parte também desse rol de sintomas contemporâneos resistentes à significação. Nesse contexto, a violência é vista como um sintoma, no sentido psicanalítico, sendo uma maneira de dizer de algo que não funciona bem dentro de uma ordem estabelecida. Se a agressividade é uma espécie

de “condição humana” em função da própria constituição do *eu*, a violência não parece ser.

No seminário cinco, *As formações do inconsciente (1957- 1958)*, Lacan destaca que a agressividade não pode ser confundida com a “potência agressiva”, sendo que a “potência agressiva” se encontra associada à violência na medida em que esta é “[...] o essencial na agressão, pelo menos no plano humano. Não é a palavra; inclusive, é exatamente o contrário. O que se pode produzir em uma relação inter-humana é a violência ou a palavra” (LACAN, 1957, p. 468). Nota-se, desse modo, que a violência talvez seja exatamente um curto-circuito no campo da palavra, uma espécie de demissão da palavra: “Acaso não sabemos que nos confins onde a fala se demite começa o âmbito da violência, e que ela já reina ali, mesmo sem que a provoquemos?” (LACAN, 1954, p. 376).

Por outro lado, é importante considerar a mídia como função psicossocial, a partir da concepção de que os produtos midiáticos assumem a função de mercadoria, por mais jornalístico que possa parecer. A violência, da mesma forma, surge como uma importante mercadoria no mundo contemporâneo, sustentando e sendo sustentada pelo mercado de segurança. Nesse sentido, uma inversão se opera: a mercadoria produzida pela instância midiática, no lugar de depender das necessidades humanas faz com que as necessidades dela passem a depender. As implicações psicossociais de tal inversão são múltiplas, mas, talvez a mais evidente seja a transposição de uma necessidade social para uma necessidade no âmbito privado.

Longe de se pensar em uma perspectiva comportamentalista do universo midiático, a partir da lógica de que a produção midiática, sobretudo a televisiva gera comportamentos, é importante destacar que existe um efeito das produções imaginárias na formatação do olhar e na produção de subjetividades. A esse respeito, Karprzak (1997) assinala as variadas maneiras de cada sujeito assimilar as enunciações midiáticas, sobretudo as televisivas. O referido autor destaca que determinantes socioculturais, psicológicas e até mesmo econômicas interferem na interpretação que os sujeitos fazem das mensagens transmitidas pela televisão.

No que respeita à violência e sua construção discursiva pelo universo midiático, muitos autores (BANDURA, 1961; SADOCK, 2007; MASSOLO, 1992) ocupam-se dos efeitos do discurso midiático na produção da agressividade. Poucos autores, no entanto, ocupam-se em demonstrar o discurso midiático sobre a violência. Njaine (2006) investiga os sentidos construídos por adolescentes à

violência na mídia, sobretudo a televisão. A autora pesquisa a forma como os jovens interagem com essa mídia e como se apropria de suas mensagens. Alves e Silva (2013), em um estudo que interessa a este artigo, intenta investigar o discurso da mídia impressa sobre a violência escolar na cidade de Belém (PA) e a construção que tal mídia faz acerca da imagem do jovem envolvido na suposta violência escolar. Segundo as autoras, existe, por parte da mídia impressa daquela cidade, a tendência à criminalização da juventude envolvida em algum ato considerado com violência escolar.

De todo o modo, de maneira geral, o discurso midiático sobre a violência é aquele que transforma o fenômeno em espetáculo e o fato violento em consumo emocional. Com a proliferação da violência no campo social e sua recorrente presença na mídia, cabe-nos investigar qual o discurso veiculado pela revista *Veja* acerca da violência urbana, com a hipótese de que existe uma associação entre violência e pobreza por parte desse veículo de comunicação.

### **3 *Veja*: uma violência**

Este artigo, conforme dito, intenciona realizar uma análise discursiva de reportagens da Revista *Veja* sobre a violência urbana. O referido veículo foi escolhido por ser a revista semanal de maior circulação no país. Trata-se de uma publicação fundada em 1968 e alcança uma parte significativa da classe média brasileira. Da mesma maneira, a versão *online* da publicação apresenta as matérias presentes na edição impressa, bem como artigos instantâneos. Para a realização da investigação acerca do discurso de *Veja* sobre a violência urbana, foi utilizado o método empírico-dedutivo. Para Charaudeau:

A análise do discurso, do ponto de vista das ciências da linguagem, não é experimental, mas empírico-dedutiva. Isto quer dizer que o analista parte de um material empírico, a linguagem, que já está configurada em uma certa substância semiológica (verbal) e é tal configuração que ele percebe e pode manipular para determinar, por meio da observação das compatibilidades e das incompatibilidades de infinito possível das combinações, os cortes formais simultaneamente às categorias conceptuais que lhes correspondem (CHARAUDEAU, 1996, p. 36).

Partindo de tais preceitos metodológicos, valemo-nos de uma metodologia ascendente, ou seja, partimos de algumas categorias de língua, passamos pelas

categorias de discurso e, por fim, analisamos a situação de comunicação na qual os textos de nosso *corpus* estão inseridos. Assim, o Quadro Metodológico da teoria semiolinguística, em síntese, pode ser explicitado da seguinte maneira: o Método empírico-dedutivo é aquele que se caracteriza quando se parte de uma situação geral e genérica para uma particular. O método dedutivo procura demonstrar, mediante a lógica pura, a conclusão na sua totalidade a partir de algumas premissas, de maneira que se garante a veracidade das conclusões, se não se invalida a lógica aplicada. Trata-se do modelo axiomático proposto por Aristóteles como método científico ideal. Dentre nossos objetivos, procuramos levantar as características dos comportamentos linguageiros (“como dizer”) em função das condições psicológicas que as limitam segundo os tipos de situação de intercâmbio (“contrato”), visando definir o Projeto de fala da revista Veja acerca da temática estudada.

Desse modo, o estabelecimento do *corpus* se deu da seguinte maneira: foram escolhidos artigos sobre a violência urbana publicados na edição *online* da revista Veja no período de junho a agosto de 2017, na rubrica *Brasil*. Foi realizada uma classificação do Projeto de Fala da revista no que respeita à violência urbana bem como os modos de construção discursiva em torno da referida temática. No que diz respeito ao estudo discursivo propriamente dito, buscamos estabelecer princípios de contrastividade e de semelhança entre os textos; examinamos os contratos que os geraram e a época em que estão produzidos, verificando assim a que tipos de leitores se destinam. Do ponto de vista das *visadas* discursivas (CHARAUDEAU, 2004), podemos dizer que elas correspondem a uma intencionalidade psico-sócio-discursiva em cada texto, ou seja, neles se configuram elementos da situação de comunicação que convocam outros elementos: identidade, propósito e circunstâncias. No que diz respeito às identidades dos participantes, de um lado temos a instância literária e imagética e, de outro, a instância cidadã-receptora. Se a instância produtora - seja ela literária e/ou imagética - aparece como importante elemento de construção de subjetividades, a instância cidadã-leitora é aquela que identifica os elementos situacionais, as representações sócio-linguageiras, os imaginários.

### 3.1 Procedimentos de análise

Com o objetivo de desenvolver um estudo contrastivo do *corpus* acima descrito, nossa pesquisa obedeceu a três etapas metodológicas:

- (1) descrição dos *corpora* coletados a partir de grades de análise conforme categorias a serem estudadas, no caso: categoria de discurso e contrato situacional.
- (2) comparação (tanto por associação quanto por dissociação) do material produzido a partir da primeira etapa. Foi realizado um levantamento das regularidades e irregularidades discursivas e situacionais.
- (3) Identificação das visadas discursivas de cada texto para verificarmos, por contabilização, a visada dominante dos textos. A partir da comparação das visadas de um e outro texto, pudemos dizer qual a intencionalidade dos textos produzidos em cada momento.

Do ponto de vista de uma análise discursiva a ser apreendida neste artigo acerca da violência, tentaremos estabelecer as regularidades discursivas presentes na revista *Veja* a partir dos elementos presentes nas matérias elencadas para, finalmente, estabelecermos o discurso da revista sobre a violência urbana. Assim, tomaremos, de início, as (i) *visadas discursivas* do referido veículo de comunicação e, (ii) critérios comuns que regem a construção do discurso informativo.

Tomemos como ponto de partida a matéria abaixo, que trata de um assalto realizado no Mooca Plaza Shopping, em São Paulo:

#### **Assalto causa pânico no Mooca Plaza Shopping**

Cientes se fecharam dentro de lojas. Não há registro de feridos

Por **Da Redação**

Access\_time1 out 2017, 12h37 - Publicado em 30 set 2017, 23h32



O **assalto** a uma loja de telefonia celular levou pânico ao **Mooca Plaza Shopping**, na Zona Leste de São Paulo, na noite deste sábado 30. Não há relato de que alguém tenha se ferido. Segundo informações de comerciantes, os assaltantes conseguiram fugir sem ser pegos. Rumores de **tiroteio** se espalharam, mas não há registro de que tenha ocorrido. Muitos frequentadores se trancaram dentro de lojas e restaurantes. Alguns chegaram a fechar as portas. O caso foi registrado no 56º Distrito Policial, da Vila Alpina. O shopping é muito frequentado por famílias com crianças, devido a constantes atrações infantis. O movimento era intenso.

Em nota, o shopping Mooca Plaza Shopping informou: *“Na noite deste sábado (30/09) ocorreu um assalto em uma das lojas de suas dependências. A ação foi próxima ao fechamento do centro de compras e não houve vítimas. O empreendimento está à disposição das autoridades e colabora para a investigação do caso”*.

Fonte: Revista Veja Online. Disponível in: <https://veja.abril.com.br/brasil/assalto-causa-panico-em-shopping-de-sao-paulo/>

A região da Mooca, em São Paulo, é um tradicional distrito de classe média e média alta da zona leste da cidade de São Paulo. Trata-se de um dos mais tradicionais distritos daquela que é a cidade mais rica do país. Como é uma região que passa por crescente valorização imobiliária, com a presença de imponentes condomínios residenciais, seu shopping é costumeiramente frequentado por famílias de classe média e média alta. O shopping center, por sua vez, aparece no imaginário da população como um local seguro e livre de conflitos sociais.

Como se trata de discurso jornalístico, a visada informativa é a principal, sobretudo em um veículo de comunicação como a revista Veja. Todavia, a visada afetiva não está ausente, sobretudo pelos efeitos pathêmicos<sup>3</sup> causados pela irrupção

<sup>3</sup> No direcionamento teórico adotado neste ensaio, os efeitos pathêmicos são efeitos discursivos que se apresentam como a resultante de estratégias discursivas dos interlocutores, tendo em vista a produção de efeitos emocionais. São efeitos de sentido sociais das emoções produzidas discursivamente. Para maior esclarecimento acerca do conceito, ver CHARAUDEAU, 2007.

emocional que um assalto em região nobre e em local pretensamente protegido causa comoção sobretudo nos frequentadores de shopping centers.

Ao se considerarem os critérios presentes na construção do discurso informativo, temos:

*i) Critério da atualidade.* Trata-se de um fato acontecido recentemente, mas que, no momento de sua ocorrência, foi imediatamente noticiado, uma vez que se trata de uma publicação *online*. Tal elemento permite ao leitor acessar as informações sobre o ocorrido quase no momento do acontecimento do fato. Ademais, o tema da violência é atual, na medida em que o Brasil apresenta dados crescentes acerca desse fenômeno.

*ii) Critério da proximidade.* A proximidade geográfica do evento interessa mais aos moradores da região, mas de algum modo toca a todos em função da possibilidade de generalização que o espaço geográfico “shopping center” promove. Em quase todas as cidades de porte médio e grande do país esse empreendimento está presente e promove a mesma concepção de segurança, conforto e tranquilidade.

*iii) Critério psicoafetivo.* A carga de ressonância emocional e imaginária desperta emoção, sobretudo quando existe a oposição entre o fenômeno esperado e a quebra contratual por ele promovida. No caso, a segurança presente nos shoppings centers de regiões mais abastadas da cidade em oposição à irrupção do fenômeno da violência que ali se passa.

No quadro abaixo, tem-se uma síntese dos principais elementos que compõem a intencionalidade do texto:

Quadro 01: Principais elementos que compõem a intencionalidade do artigo *Assalto causa pânico no Mooca*

*Plaza Shopping*

| <b>CATEGORIAS DE ANÁLISE</b>   | <b>ESTRATÉGIA DISCURSIVA</b>   | <b>ENCENAÇÃO DISCURSIVA</b>                               |
|--|--|---|
| Visada informacional: Autor ou fonte do texto: “Da redação”  | Estratégias de captação: Título do artigo; “rumores de tiroteio”; presença de crianças; clientes trancados nas lojas | Saberes de crenças: shopping center enquanto local seguro |
| Critério da atualidade: matéria publicada no mesmo dia do acontecimento; a presença constante da violência nos noticiários | -  | -   |
| Critério da proximidade:   | -  |   |

|  |          |          |
|--|----------|----------|
| <p>matéria que se refere à cidade de São Paulo, mas que, no entanto, o elemento Shopping Center aparece como metonímia de espaço seguro de compras podendo ser considerado, no Brasil, como uma atopia</p> |          |          |
| <p>Critério psicoafetivo: O caráter insólito e de surpresa do acontecimento</p>  | <p>-</p> | <p>-</p> |

Em síntese, pode-se dizer que as estratégias utilizadas pelo artigo informativo possuem a intencionalidade de *saber-fazer* o leitor da onipresença da violência no espaço urbano. De algum modo, essa intencionalidade faz apelo aos saberes partilhados em torno da falta de segurança reinante no país. Ainda que de maneira sutil, o tom alarmista se faz presente na medida em que aponta para o leitor a ideia de violência generalizada da qual nem mesmo os centros comerciais mais luxuosos encontram-se ilesos.

### Confrontos entre PM e bandidos deixam 3 mortos e 4 feridos no Rio

Polícia acredita que os criminosos têm ligação com a quadrilha que está na favela da Rocinha

Por **Da redação** access\_time23 set 2017, 18h13



Tiroteio em um dos acessos à favela da Rocinha, na Zona Sul do Rio de Janeiro, fecha a autoestrada Lagoa-Barra nos dois sentidos. (José Lucena/Folhapress).

*Dois confrontos entre policiais militares e criminosos deixaram três homens mortos, três presos e quatro feridos na Usina e no Alto da Boa Vista, na Grande Tijuca, na tarde deste sábado, no Rio de Janeiro. Um adolescente de 13 anos foi ferido por um tiro, segundo a PM, e encaminhado ao Hospital Souza Aguiar.*

*A Polícia Civil informou que os criminosos têm ligação com a quadrilha que está na favela da Rocinha, pois a comunidade de São Conrado é ligada pela mata a vários outros bairros do Rio, através do Parque Nacional da Tijuca, área coberta por mata atlântica, com muitas trilhas em seu interior.*

### **Armas apreendidas**

De acordo com a PM, os policiais estavam patrulhando o local quando se depararam com homens fortemente armados, em duas ocorrências distintas. Uma na Usina e outra no Alto da Boa Vista, bairros vizinhos. Pelos menos dois fuzis e uma pistola foram apreendidos.

O cerco da polícia também se estende a outros bairros abrangidos pela Floresta da Tijuca, como Santa Teresa e Morro do Turano. O objetivo é evitar que os criminosos que estão acuados na Rocinha escapem ou que outros traficantes venham dar apoio a eles.

No Morro do Vidigal, favela vizinha perto da Rocinha, cinco homens foram presos na tarde deste sábado. Com eles, a polícia encontrou dinheiro, drogas, um caderno com anotações do tráfico e cinco rádios de comunicação.

### **Rocinha**

Na madrugada e na tarde deste sábado, houve intensas trocas de tiros na Rocinha, que está cercada desde sexta por 950 homens das Forças Armadas. A Rocinha é alvo de operações diárias da PM desde o último domingo, quando houve confrontos entre grupos de traficantes rivais pelo controle de pontos de venda de droga da comunidade.

Após uma denúncia, foi preso na Ilha do Governador o traficante Luiz Alberto Santos de Moura, conhecido como Bob do Caju. Aliado de Nem da Rocinha, ex-líder do tráfico na comunidade, detido em um presídio federal em Rondônia, Bob se preparava para uma ação na Rocinha, segundo a PM.

*(Com Agência Brasil e Estadão Conteúdo)*

Fonte: Revista Veja Online. Disponível in: <https://veja.abril.com.br/brasil/confrontos-entre-pm-e-bandidos-deixam-3-mortos-e-4-feridos-no-rio/>

Do ponto de vista das visadas, a informativa (*O fazer-saber*) permanece, como sempre se espera em veículos de informação. Por outro lado, a visada afetiva, em que fazer-sentir é um importante efeito de captação, permanece na reportagem. Fazer-sentir é, de fato, uma das estratégias utilizadas pelo discurso midiático contemporâneo para fazer valer seu enunciado. Como se trata de um tema que de algum modo choca a maioria da população, a violência mantém seu caráter perturbador quando tratado pela mídia.

O contrato de comunicação informativo deve sempre manter seu critério de atualidade, sobretudo quando se trata de veículos informatizados. Assim, manter o grau de atualidade é tanto uma demanda do público quanto uma provocação midiática, em função da necessidade de sobrevivência de tais veículos. Por outro lado,

um dos efeitos possíveis gerados por tal critério é o efeito de banalização do fenômeno, tendo em vista que sua constante presença nos veículos de comunicação geram a sensação de notícia “já sabida”.

Na matéria em tela, o critério psicoafetivo parece gerar o fenômeno da habituação, ou seja, promove um efeito refratário naturalizante no espectador ao apresentar a favela como um local naturalmente violento. Da mesma forma, existe sempre a associação do tráfico com a favela, na medida em que a *Veja online* não problematiza o fenômeno do tráfico e sua presença tanto em bairros das classes média e alta bem como nas favelas e morros cariocas.

### **Universitário é morto em festa no campus da UFG**

Estudante de Ciências Ambientais na Universidade Federal de Goiás foi morto a tiros ontem à noite, em festa organizada dentro do campus universitário

Por **Da Redação** access\_time16 set 2017, 13h54



*Campus da Universidade Federal de Goiás (UFG/Divulgação)*

Ariel Benrur Costa Vaz, estudante de Ciências Ambientais na Universidade Federal de Goiás (UFG), foi morto a tiros ontem à noite, em uma festa dentro do campus. Ele chegou a ser socorrido, mas morreu a caminho do hospital. Outro jovem foi baleado e passa por tratamento no Hospital de Urgências Governador Otávio Lage (Hugol).

Relatos nas redes sociais apontam para uma discussão, ocasionada por um esbarrão, dentro da festa, chamada “Calourada Integrada”. Não se sabe ainda se Ariel e o outro jovem estavam envolvidos na confusão.

A festa teria sido autorizada pela reitoria da UFG e seguranças estariam acompanhando o evento. A polícia foi acionada, mas não encontrou testemunhas no local. Os detalhes do crime ainda serão investigados.

Fonte: Revista Veja Online. Disponível in: <https://veja.abril.com.br/brasil/universitario-e-morto-em-festa-no-campus-da-ufg/>

De maneira semelhante, na reportagem acima, existe uma formatação do olhar do espectador a partir do uso de elementos pathêmicos presentes logo na manchete: um estudante que morre no interior de uma universidade. De um lado, acionam-se saberes partilhados de que as festas estudantis sempre acabam em bebedeira, atos de violência e morte, mas, por outro lado, aciona também o efeito dissonante da ideia de que se é “jovem demais para morrer”.

Os critérios presentes na construção do discurso informativo da reportagem acima podem ser elencados da seguinte maneira:

- i) *Critério da atualidade.* Trata-se de um fato que apresenta ares de atualidade, ou seja, em todo o começo de semestre, as festas e calouradas corriqueiras na vida universitária resultam em morte.
- ii) *Critério da proximidade.* A proximidade geográfica do evento interessa mais aos moradores da região, mas de algum modo toca a todos em função da possibilidade de generalização que o espaço geográfico “universidade” é capaz de acionar. Assim, de modo geral, para o leitor de Veja está muito envolvido na vida universitária, seja de filhos ou outras pessoas de graus de parentesco ou amizade variados, o que promove a sensação de proximidade do evento.
- iii) *Critério psicoafetivo.* A carga de ressonância emocional e imaginária desperta uma emoção disfórica associada em primeiro momento à angústia de se ver que em espaços em que a segurança deveria predominar é a violência é que prevalece. Ademais, a morte de um jovem universitário sempre causa comoção, sobretudo em uma sociedade que tende a sobrevalorizar os traços da juventude.

Quadro 02: Principais elementos que compõem a intencionalidade do artigo Universitário em morte em festa em campus da UFG

| CATEGORIAS DE ANÁLISE                                    | ESTRATÉGIA DISCURSIVA   | ENCENAÇÃO DISCURSIVA   |
|--|---|--|
| Visada informacional: Publicado no site da revista Veja. | Estratégias de captação: Título do artigo; “morte de universitário no interior do campus”; presença de arma de fogo na festa da | Saberes de crenças: não se morre jovem; festa não combina com morte. |

|  |  |               |
|--|--|---------------|
|  | universidade; o caráter dramático do socorro ao jovem.   |               |
| Critério da atualidade: A ocorrência de festas e calouradas em inícios de semestre nas universidades brasileiras |  | Imagem da UFG |
| Critério da proximidade: pseudo-proximidade ou proximidade psicológica   |  |               |
| Critério psicoafetivo: O caráter insólito e de surpresa do acontecimento   | Utilização de pares de oposição geradores de pathemia: juventude e morte; Universidade e segurança; festa e morte. | -             |

Assim, constata-se a visada de massificação da ideia de violência enquanto fato presente em todos os lugares que talvez nos faça considerar que o discurso midiático de Veja não seja apenas uma visada de informação, mas outras visadas também aí se fazem presentes.

Na última matéria elencada por nós, encontramos os mesmos critérios narrativos presentes nas outras, o que nos faz apostar em uma constante narrativa desse veículo. Assim, podemos destacar uma “memória dos discursos” (CHARAUDEAU, 1997) que servem de suporte para a construção de saberes de conhecimento e de crença sobre o mundo, o que no caso de Veja nos leva a constatar que os saberes de crença são muito mais fortes e evidentes.

### **Adolescente morre após ser espancada por grupo de mulheres**

Uma das agressoras estaria sendo traída pelo marido com a vítima de 17 anos

Por **Da redação**. Access\_time11 set 2017, 11h23 - Publicado em 9 set 2017, 18h01



*Posto de gasolina onde uma adolescente foi espancada até a morte na região de Pirituba em São Paulo (Google Street View/Reprodução)*

Uma estudante de 17 anos morreu após ser agredida em um posto de gasolina no Jardim Mangalot, na Zona Norte de São Paulo, na madrugada desta sexta-feira. Segundo o relato de testemunhas à polícia, a adolescente foi espancada por cinco mulheres ao mesmo tempo. A suspeita é que uma delas estivesse sendo traída pelo marido com a vítima, o que teria motivado o ataque.

Duas das cinco agressoras já foram identificadas, mas ainda não foram presas. O caso está sendo investigado pelo 33º Distrito Policial. Após as agressões, a vítima foi socorrida por testemunhas e encaminhada para atendimento no Hospital de Pirituba, mas não resistiu aos ferimentos.

Fonte: Revista *Veja Online*. Disponível in: <https://veja.abril.com.br/brasil/adolescente-morre-apos-ser-espancada-grupo-de-mulheres/>

Na reportagem acima, verifica-se o uso preponderante da encenação argumentativa. Esse procedimento consiste, para o sujeito argumentante encarnado na instância enunciativa, na utilização de procedimentos que auxiliam na validação de sua argumentação, tendo como finalidade a persuasão dos interlocutores. Assim, o sujeito argumentante faz uso de definições, comparações, citações e descrições capazes de produzir efeitos de persuasão. Ademais, outros procedimentos se baseiam em valores que são compartilhados por um grupo e formam uma espécie de consenso social, como é possível verificar na motivação do ataque das mulheres à adolescente: a traição. Neste caso, o sujeito apela para esses valores compartilhados na tentativa de convencer seus interlocutores e validar uma argumentação.

Um valor utilizado pelo sujeito argumentante assenta-se no domínio do ético (Charaudeau, 2008), em que um argumento é moldado em termos de bem e de mal e que define, nesses termos, como devem ser os comportamentos humanos diante de uma moral: adolescentes se relacionando com homens casados; a vingança da mulher traída; adolescente em posto de gasolina durante a madrugada. Tal elemento faz apelo direto ao critério psicoafetivo da notícia ao acionar valores morais assentados na concepção de casamento, fidelidade e traição de uma sociedade que tende ao conservadorismo.

### **Considerações finais**

Este artigo teve como objetivo analisar a violência a partir do discurso midiático. A revista *Veja Online* foi tomada como produto a ser analisado, tendo em vista sua importante participação no mercado jornalístico brasileiro. De modo geral, contata-se que existe uma espetacularização da violência e o critério psicoafetivo da notícia é dominante em função de seu uso como estratégia de captação. Conforme fora visto, a violência é um tema que se apresenta em todas as sociedades humanas e, no caso

brasileiro, a violência urbana é a mais evidente. Refere-se à um tema que perpassa a configuração das coletividades e seus múltiplos elementos, dentre os quais a mídia se sobressai.

Destaca-se na presente análise, uma tendência ao conservadorismo e à criminalização da pobreza, conforme pode ser visto a tendência à associação dos casos de violência com situações em que a condição socioeconômica entra em causa. Contudo, não se pode afirmar que a revista *Veja* desempenha esse papel de criminalização. Da mesma forma, verifica-se o uso recorrente da encenação argumentativa pelo sujeito argumentante jornalista com predomínio de fórmulas discursivas que acionam valores compartilhados por um grupo ou parte da sociedade, alcance o horizonte de expectativas desse grupo pelo consenso social fabricado. Lançar mão desse procedimento alcança sua validade nesse tipo de matéria porque serve para validar a argumentação do sujeito comunicante. No que respeita aos valores supracitados, diversos domínios de avaliação são acionados (CHARAUDEAU, 2008), tais como (a) o domínio da verdade; (b) o domínio do estético; (c) o domínio do ético; (d) o domínio do hedônico, e; (e) o domínio do pragmático. Todavia, existe uma prevalência do domínio ético sobretudo pelo fato de ser nesse domínio em que os aspectos valorativos se fazem mais presentes. Ademais, esse domínio permite a presença da visada afetiva como aquela promotora de efeitos pathêmicos gerados pela irrupção do conteúdo emocional.

Como se trata de um artigo que apresenta um caráter ensaístico, faz-se necessária a ampliação das análises nesse mesmo veículo de comunicação ou ainda o alargamento para outros veículos, sejam eles eletrônicos ou impressos. O que não se pode descartar, a nosso ver, é a importante participação do discurso midiático na discussão desse tema tão candente que é a violência urbana.

## Referências

AMOSSY, R. **Les idées reçues**. Sémiologie du stéréotype. Paris: Nathan, 1991.

BANDURA, A., ROSS, D., & ROSS, S. A. **Transmission of aggression through imitation of aggressive models**. *Journal of abnormal and Social Psychology*, 63, 575-582. 1961.

BEATO, Cláudio et al. “Conglomerados de homicídios e o tráfico de drogas em Belo Horizonte, Minas Gerais, Brasil, de 1995 a 1999. **Cadernos de Saúde Pública**, 17, Rio de Janeiro. 2001.

BRICENO-LEON, Roberto. La nueva violencia urbana de América Latina. **Sociologias** [online]. 2002, n.8, pp.34-51. ISSN 1517-4522. <http://dx.doi.org/10.1590/S1517-45222002000200003>.

CANO, Ignacio. Análise espacial da violência no município do Rio de Janeiro. In: NAJAR, AL., and MARQUES, EC., orgs. **Saúde e espaço: estudos metodológicos e técnicas de análise** [online]. Rio de Janeiro: Editora FIOCRUZ, 1998. 276 p. História e Saúde collection.

CHARAUDEAU, P. Para uma nova análise do discurso. In: Carneiro, Agostinho Dias (org.). **O discurso da mídia**. Rio de Janeiro: Oficina do autor, 1996.

\_\_\_\_\_. Visadas discursivas, gêneros situacionais e construção textual. In: MACHADO, Ida Lucia e MELLO, Renato de. **Gêneros reflexões em análise do discurso**. Belo Horizonte, NAD/FALE-UFMG, 2004.

\_\_\_\_\_. **Discurso das mídias**. São Paulo: Contexto, 2006.

\_\_\_\_\_. A patemização na televisão como estratégia de autenticidade. In MENDES E. & MACHADO I.L. (org.). **As emoções no discurso**. Campinas: Mercado Letras, 2007.

CHARAUDEAU, P. Uma análise semiolinguística do texto e do discurso. In: PAULIUKONIS, M. A. L. e GAVAZZI, S. (Orgs.) **Da língua ao discurso: reflexões para o ensino**. Rio de Janeiro: Lucerna, 2005a, p. 11-27. Disponível em: Acesso em: 3 abr. 2012.

DEBORD, Guy. **A sociedade do espetáculo: comentários sobre a sociedade do espetáculo**. Rio de Janeiro: Contraponto, 1997 [1967].

IPEA. Atlas da violência 2017.

<http://www.ipea.gov.br/atlasviolencia/download/2/2017>.

KARPRZAK, Roselene Gurski. **Desenhos animados em tempos de violência: uma contribuição para pensar em construção de valores sócio-morais em crianças pré-escolares**, 1997, 132 f. Dissertação (Mestrado em Psicologia) - Curso de Pós-graduação em Psicologia do Desenvolvimento, Universidade Federal do Rio Grande do Sul, Rio Grande do Sul, 1997.

KEHL, Maria Rita, BUCCI, Eugênio. **Videologias: ensaios sobre televisão**. São Paulo: Boitempo, 2004 (Coleção Estado de Sítio). 252 páginas

LACAN, J. [1964] **O Seminário, livro 11: Os quatro conceitos fundamentais da psicanálise**. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Editor, 1979.

\_\_\_\_\_. [1948]: “L’agressivité en psychanalyse”. In: **Écrits**. Paris: Seuil, 1966.

\_\_\_\_\_. **O seminário, livro 5: as formações do inconsciente (1957-1958)**. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Ed., 1999.

SILVA, Lívia Sousa da; ALVES, Laura Maria Silva Araújo. A criminalização da juventude no discurso midiático da violência escolar em Belém-PA. **Revista Cadernos de Ciências Sociais da UFRPE**, julho-dezembro, 2013.

LOCHARD, G., BOYER, H. **La communication médiatique**. Paris: Seuil, 1998.

MASSOLO, Miguel. Agressividade um enfoque psicanalítico. In: BORDIN, Jussara; GROSSI, Esther Pilar (orgs). **Paixão de Aprender**. Petrópolis: Vozes, 1992.

MIRANDA, Cássio Eduardo Soares. **Amores Contemporâneos e Seus Impasses**: Leituras discursivas e psicanalíticas. Curitiba: Prismas, 2016.

MORIN, E. **O problema epistemológico da complexidade**. Mira-Sintra: Publicações Europa-América, 2002.

OMS. Organização Mundial da Saúde. **CID-10 Classificação Estatística Internacional de Doenças e Problemas Relacionados à Saúde**. 10a rev. Porto Alegre: Artes Médicas, 2008.

OMS. Organização Mundial da Saúde. **Relatório mundial sobre violência e saúde**. World report on violence and health (Relatório Mundial sobre violência e saúde) / editado por Etienne G. Krug ... [e outros. ] Genebra: OMS, 2002.

PARRET, Herman. A comunicação e os fundamentos da pragmática. **Revue Verbum**, T. XII, Presses Universitaires de Nancy, 1989.

SADOCK, Virginia Alcott; SADOCK, Benjamim James. **Compêndio de psiquiatria**: ciência do comportamento e psiquiatria clínica. 9. ed. Porto Alegre: Artmed, 2007.

SOULAGES, Jean-Claude. **Les rhétoriques télévisuelles** : Le formatage du réel. Bruxelles/Paris, De Boeck Université/INA : coll. Médias Recherches, 2007.

WAISELFISZ, J.J. **Mapa da Violência 2016**: Mortes Matadas por Armas de Fogo. Rio de Janeiro, FLACSO/CEBELA, 2016.

Artigo recebido em: 18/06/2018

Artigo aprovado em: 23/12/2018